BONDADE E CARINHO

N.º 23
MARÇO
1941

Sumário

Obra das Mãis pela Educação Nacional

«MOCIDADE PORTUGUESA FEMININA»

Direcção, Administração e Propriedade do Comissariado Nacional da Mocidade Portuguesa Feminina, Redacção e Administração: Comissariado Nacional da M. P. F., Praça Marquês de Pombal, n.º 8 — Telefone 46134 — Editora Maria Joana Mendes Leal — Arranjo gráfico, gravura e impressão da Neogravura, Limitada, Travessa da Oliveira, à Estrêla, n.os 4 a 10 — Lisboa

BOLETIM MENSAL
ASSINATURA AO ANO 12$00 // PREÇO AVULSO 1$00

LEI DE CAVALEIROS

Bandeira dos Templários.
«Não a nós, Senhor, mas a Teu Nome, dá a glória!»

Uma regra dos Templários, velhos e bons cavaleiros de outras eras, rezava assim:

«Nunca fugir ao combate.
«Nunca pedir paz.
«Nunca dar resgate.
«Nunca acolher em si a esperança de um só instante de repouso».

Quem não é cavaleiro e soldado nesta hora do mundo? Quem o não será?!...

E tudo é campo para lutar. Por tôda a parte inimigos e mais inimigos.

Inimigos traiçoeiros. Nem vêm a terreiro, a descoberto, honradamente.

Tomam antes todas as atitudes — como camaleões — todas as máscaras e esperam às escondidas, pelo calado de todas as noites...

E' a revista lindamente apresentada, o jornal «sério», o filme «inocente», o senhor e o menino «bem», as meninas «possidónias» — e as «sãs» reüniões de família e os passeios «ao ar livre», em liberdade...

Tudo e todos género «bem», tudo e todos...?...

* * *

Filiadas da Mocidade Portuguesa: Aqui os tendes, os vossos piores inimigos e os campos onde havereis de aceitar combate destemidamente, como bons e honrados cavaleiros. Aqui os tendes.

E logo que apareçam, venham de onde vierem (cautela com os lobos vestidos de peles de ovelha...) aceitai a luta: braço a braço, peito a peito, lançada contra lançada e... «*Nunca pedir paz*».

* * *

Ouve: — é possível que assim, heroica e linda, molhada em sangue de tuas veias, de lança em riste, à espera de tôda a desvergonha e de tôda a ousadia com que queiram ferir a tua virtude e a tua alma de rapariga, é possível que ouças a grita das «bem» assustadas com o teu «escandalo» (não é necessário tanto, murmuram...) a pedirem-te que te metas em casa, a lembrarem que «os tempos são outros», que agora tem de ser assim (pois, que se lhe há-de fazer?!...) E' possível? E' mesmo certo. E nisto concertam-se em desvairo as damas mamãs e os filhos «formidáveis». Arrendaram por sua conta, e para seu uso, todo o... «bom senso» dêste mundo e do outro...

* * *

Ouve outra vez: com esta gente, pior que os outros inimigos, nunca entres em combinações de espécie alguma. Nem resposta.

Veste-te de vaidade santa, a deixares perceber a malha da couraça e o ferro da espada, e passa adiante, linda e linda, por entre a turba das cansadas e das «modernissimas» creaturas de Deus que andam por êsse mundo de Cristo a pedir guerras, inundações e ciclones e dilúvios... Passa e vai *descansar* logo adiante, com outros inimigos que te aguardam: outra vez: espada fora da bainha, a olhar os sinais que o Céu mostra aos Cavaleiros da Honra e da Fé, outra vez: mais sangue... mais alma e suor... mais estocadas no peito forte... E vai morrer.

* * *

Ao longe e ao perto as «mágoas» das «bem» que morrem de cobardias e de traições a si e à consciência e à Pátria... Mas dentro de ti e no Alto, as bênçãos e as graças da Paz e da Alegria...

... Os carrilhões de todas as catedrais da terra e do céu a entoarem os hinos da Libertação ...e até os teus inimigos te enterrarão na Terra sagrada da Virtude, saüdarão, perfilados, o teu cadáver e irão dizer que foste corajosa, leal, honrada.

E o teu nome será escrito entre as estrêlas no céu da vitória...

* * *

Cá por baixo, as *outras*, dirão que... foi uma pena teres assim combatido e morrido... Não valia a pena...

G. A.

UMA FESTA NO CADAVAL

REALIZOU-SE, na vila do Cadaval, no dia 5 de Janeiro, uma Festa da M. P. F. promovida pela Sub-Delegacia.

Na humilde festazinha — cuja realização se deve aos esforços de várias pessoas, do Cadaval e de fóra, que trabalharam dedicadamente — tomaram parte as filiadas do Cadaval, Adão Lobo e Vermelha (Centros N.º 1 e 2) com a colaboração dum grupo de meninas parentas da Sub-Delegada. As filiadas sem farda não foram ao palco. Vestiram batas brancas e conservaram-se agrupadas, na plateia, junto do piano, para acompanharem daí tôdas as canções.

O Programa foi executado da seguinte forma:

Primeiramente, o Hino da M. P. cantado pelas filiadas. O palco oferecia um aspecto interessante e nunca observado na região porque estava quási completamente cheio de filiadas fardadas, dispostas ordenadamente, sustentando algumas as bandeiras da organização. O público manifestou o seu apreço aplaudindo-as logo que o pano subiu.

Depois de cantado o hino, as filiadas conservaram-se nos seus lugares enquanto a Sub-Delegada Regional proferiu o seu modesto discurso que foi, felizmente, bem acolhido.

Em seguida, várias filiadas recitaram poesias, as últimas das quais sôbre a Caridade, afim de se salientar o significado do Quadro Vivo que se ia apresentar. Era o Quadro Vivo composto de duas cênas: a primeira representava a Rainha Santa Izabel socorrendo a pobreza e o segundo o Milagre das Rosas.

A primeira parte terminou com as Canções cantadas pelas filiadas:

Novos de Portugal,
Canções Populares (Sabes cantar e não cantas e Marujinho, bate o pé).

A segunda parte começou por recitação de poesias, a última das quais alusiva ao Quadro que se seguia e que representava D. Filipa armando os filhos cavaleiros. Foi muito feliz a apresentação dêste quadro, que provocou bastantes aplausos. O cenário foi cuidadosamente preparado, estando armado o altar com um lindo crucifixo. Depois, foi desempenhada uma linda e enternecedora peça em três pequenos actos, intitulada «Noite de Natal», publicada na revista «Stella». As pequenas executaram brilhantemente os seus papeis salientando-se a protagonista, a filiada Maria Fernanda Ribeiro Correia. Este número agradou muitíssimo, pedindo-se até a repetição do 3.º acto em que entraram seis graciosos anjinhos (meninas à volta dos 5 anos).

A terceira parte foi iniciada com Canções dialogadas, isto é, cantadas pelas filiadas fardadas que estavam no palco e pelas que estavam na plateia e que constituíam o Côro. Cantaram-se, nesta altura, a

Oração ao Sol
Aldeias de Portugal
Os Passarinhos

Seguiram-se vários números de Bailados Regionais, que por desejo da assistência foram todos bisados. Devo notar que letra, música e até movimentos das dansas foram criteriosamente escolhidos para não haver motivos para reparos.

Findo êste número, a menina Maria Luiza Ribeiro leu algumas palavras exaltando as Famílias Cristãs de Portugal e louvando especialmente as Famílias numerosas. Estas palavras serviram de introdução ao Quadro Vivo que se seguiu, em que se apresentou uma família — pobre mas honrada e cristã — com 12 filhos (e que reside no Cadaval). Estavam todos trabalhando com naturalidade, o que contribuiu muito para dar encanto ao quadro. O pai e os filhos mais velhos limpavam vides para enxertia; um rapazinho trabalhava de carpinteiro; a mãi cosia roupa; a filha mais velha passava a ferro; outra embalava o berço dum irmãozinho; três pequeninos entretinham-se com os seus brinquedos e duas filhinhas e um filho (êstes com a farda da Mocidade) estavam sentados a uma mêsa lendo revistas da M. P. F. Um quadro da Sagrada Família presidia aquela reünião familiar. Em cima duma cômoda via-se uma Nossa Senhora de Fátima que os esposos quiseram levar consigo.

Foi uma autentica glorificação da Família Numerosa! A assistência pôs-se de pé dando palmas e vivas e aclamando com entusiasmo a Família, não permitindo, por algum tempo, que o pano descesse...

E a Festa terminou com uma Apoteose a Portugal — ao PORTUGAL de 1940! Todas as filiadas fardadas voltaram ao palco. 15 Bandeiras se ostentavam, salientando-se ao fundo as Bandeiras da Fundação, da Restauração, a da Cruz de Cristo e a Nacional. Dos lados, 6 guiões e à frente a bandeira do Centro ladeada por 4 da organização. A filiada Maria Fernanda recitou, com veemência, um trecho patriótico em que se evocaram as Comemorações Centenárias e o seu significado, concluindo-se pela lição que todas as raparigas da Mocidade deviam colher dêsse notável acontecimento histórico e nacional.

Depois dos Vivas e Aclamações, cantou-se o Hino da Mocidade Lusitana, findando, assim, a primeira Festa da M. P. F. no Cadaval, à qual assistiram pessoas de todas as classes sociais da região e até de fóra, que enchiam por completo o teatro e que ficaram agradavelmente impressionadas e surpreendidas pelo que se poude conseguir, sobretudo com os Cânticos que saíram felizmente harmoniosos.

Nos intervalos foram executados trechos de música por algumas das meninas que entraram na festa. As mesmas meninas percorreram a sala vendendo Revistas do M. P. F. e alguns programas, cujo produto atingiu a quantia de 75$00. Com o entusiasmo da festa fardaram-se 16 raparigas do Centro N.º 2, tendo a Sub-Delegada oferecido uniformes a 2 filiadas pobres como prémio do seu bom comportamento.

À Sub-Delegada Regional do C. N. da M. P. F. no concelho do Cadaval.

Maria de Lourdes Bernardette da Fonseca Ribeiro

I — A família numerosa que participou na festa da M. P. F. no Cadaval
II e III — Grupo de meninas que tomaram parte nos bailados
IV — Quadro vivo: Rainha Santa Isabel e os pobrezinhos.

PRIMAVERA

No Japão existe um album em que o seu autor indica, dispondo-as por ordem, como num calendário, as festas tradicionais e populares do ano. Umas, festas religiosas e públicas; outras, familiares e mais intimas, mas, todas elas, com a sua poesia e o seu encanto.

Em Março, o tal album-calendário marca: «Visita às cerejeiras em flor».

No quadro que ilustra esta página, vêm-se muitas raparigas, acompanhadas dum professor, contemplando as cerejeiras floridas. Atrás das raparigas, um grupo de poetas admira também.

Emquanto as cerejeiras têm flôr — diz-nos o autor — não cessam as danças deante dos templos sagrados.

Também em Portugal as cerejeiras estão em plena florescência na primavera.

São lindas as cerejeiras em flor! E quanto aproveitariamos se as fossemos visitar!

Mesmo sem trazermos connosco nenhum ramo, — no Japão é proïbido cortá-los — a nossa alma viria impregnada de perfume.

Voltariamos mais alegres e melhores, depois de ter gosado a alegria pura dêsse espectáculo de beleza.

Deante do que é belo a nossa alma eleva-se e espiritualiza-se. E' que em tôda a beleza existe uma parcela da eterna e infinita Beleza que é Deus!

Visitar as cerejeiras em flor poderá ser para a nossa alma quási tão útil como uma romaria religiosa.

Vamos então, em santa romaria, aos pomares floridos!

Não são nossos? Que importa que seja numa terra a que chamamos *nossa*, ou em terra alheia que floresçam as cerejeiras?! Tudo é nosso — quanto cabe nos nossos olhos!

Somos mais ricos do que julgamos!

Pertencem-nos todas as cerejeiras em flor: foi Deus que as floriu para nossa alegria!

Para gosar das belezas da natureza não há *meu* nem *teu*... Mais possue quem maior alma tem; mais gosa quem maior coração recebeu...

Os bens materiais podem perder-se; a capacidade de gosar o que é belo, é uma fortuna segura...

Lá na minha aldeia existiu uma vélhinha, já corcovadinha para a terra, que andava pelas portas pedindo esmola. Um dia, preguntaram-lhe se teria pena de morrer. E ela, endireitando-se e abraçando com os olhos os campos e as serras, apontou para todos esses bens que a rodeavam e respondeu: «Quem não há-de ter pena de deixar isto tudo, que é tão bonito?!»

Nada lhe pertencia. Mas aquela pobre mendiga era afinal mais rica do que os mais ricos proprietários: campos e serras, tudo era o seu bem!

Não tinha nada e gosava a alegria de tudo!

Raparigas da Mocidade!

Eu desejaria que vocês, como as raparigas japonezas, fossem visitar as cerejeiras em flor.

E se fôsse eu a professora que vos acompanhasse, dir-vos-ia: Não procureis a alegria nos prazeres do mundo — flores artificiais... A vossa mocidade é a primavera que traz consigo a alegria. E a alma de cada uma de vós pode ser uma cerejeira em flor, se viverdes na graça de Deus!

«Preguntas-me
A que se assemelha o coração
Do Yamato?
A' flor da cerejeira da montanha
Exalando o seu perfume ao sol da manhã».

(Poema japonês)

Assim eu desejaria que se dissesse das raparigas da «Mocidade»...

Coccinelle

MANEIRAS DE CAÇAR

[CURIOSIDADES]

COMO se caçam os coelhos no monte, tôda a gente sabe. Caçar as lebres a cavalo, nas campinas do Ribatejo, ou nos campos planos do Alentejo, são caçadas lindas que entusiasmam ao rubro o caçador, e que demandam perícia, e muitas vezes valentia, mas por serem demais conhecidas, me dispenso de as descrever. Contudo não posso deixar de mencionar a alegria que nos comove quando os podengos foram soltos dos canis e vêm ter comnosco, com latidos e muitas festas, e os brutinhos dos galgos se espreguiçam e preparam os músculos para correr. Enfim, isso fica para depois... Agora, vou dizer das maneiras de caçar, algumas têm uma certa graça...

Começarei com a matança de gansos, nos campos da Figueira da Foz. — Vai de véspera o caçador, e cava na terra um abrigo, que tapa com ramagens de salgueiro. Leva consigo um cãosinho pequeno, dêstes a que chamam gôzo, já amestrado a esse fim, muito bem. O caçador está mirrado dentro do abrigo e incita o cãosinho para que êle vá provocar os gansos, que ali arribaram vindos dos paizes nórdicos. O cãosito lá vai pela planicie fóra, ladrando impávido; mas quando os gansos o vêm, estendem o pescoço, e vêm sôbre êle, numa algazarra. Com as suas pernas curtas, o bichinho procura abrigo aonde está o caçador escondido, e sôam os tiros, que matam dois ou trez. Isto é caçar? Não é.

Outra maneira de caçar. — Havia em Campo Maior um homenzinho que inventou um boi de lona, para matar abetardas! Sabem o que são abetardas? São uma espécie de perus cinzentos, muito dignos no seu porte, e bastante pesados. Pois bem, o homem metia-se dentro do boi fingido e caminhava pelo campo, dando a impressão que o boi de lona andava a pastar. Quando chegava ao alcance do tiro, despejava a escopeta. Mas a garotada de Campo Maior, quando êle volvia aos patrios lares, numa tarde de sol escaldante, virou-se a êle com piadas e ditos, que o deixaram por terra! Até lhe rasgaram o boi de lona! Coitado!

— Conhecem a caça aos pombos bravos? se não conhecem, imaginem... Nasce o sol. No céu vôam milhões de pombos, grandes bandos. Ouvem-se milhares de azas, a bater o ar! Ouvem-se também foguetes, que os guardas dos montados lançam no espaço, para defenderem a colheita da bolota. Mas êles são teimosos, e voltam de novo. O lindo trocaz é persistente. No alto de um cabeço, arma-se uma negaça, com piosos, champil, etc. etc. Em cima da vara, a negaça abre as asas! Vem aquela chusma de pombos! Tiros para aqui, tiros para ali. Muitas vezes os pombos mortos rebentam o papo cheio de bolotas quando caem no chão.

Também há outra maneira muito interessante de caçar patinhos marrecos bravos. Na vala do Mondego, aparecem muitos, e gordos. O que faz o labroste daquela região? Lança na vala um cordel, aonde estão enfiados vários grãos de milho. Este cordel tem alguns metros de comprimento; de modo que, os que vieram atraz, engolem os grãos de milho, que o primeiro tinha comido, e lançado na corrente!!! e ao fim da tarde, fritam-se numa frigideira, aonde préviamente se poz a refogar toucinho e mais temperos.

Outro processo também empregado, é o seguinte: Arranja-se uma cabaça grande, bem sêca, aonde se fazem dois buraquitos. Deve ser uma cabaça grande, aonde caiba a cabeça de um homem, maior e vacinado. O caçador mete a cabeça na cabaça, e vai pela vala fóra, metido na água até ao pescoço, dando a impressão de que a cabaça anda por ali a boiar na corrente, até que descobre um bando de marrecos. Com grande cautela e astúcia, dirige a cabaça para o meio dêles. Pelos buraquitos escolhe o melhor trajecto, para o ataque. Depois de muita paciência, chega ao meio do bando. Os patos nadam descuidados. O caçador agarra então um dêles, pelas pernas, torce-lhe o pescoço, e pendura-o à cinta, tudo isto em silencio absoluto. Os outros patos do bando pensam lá para consigo: «lá foi aquele apanhar algum peixinho, que nadava fundo!...» E continuam a sua faina de comerem ervas e bichitos, ao rez da mota da vala... coitaditos, são patos!... O cavalheiro da cabaça continua a sua colheita, e só quando não tem mais vitimas a imolar, sai da vala, e esvasia uma garrafa de meio litro de aguardente, que trazia pendurada ao pescoço.

C. V.

FLORINHAS DA RUA...

FLORINHAS DOS SALÕES?

Era numa sessão solene comemorando o vigèssimo aniversário da Fundação das Florinhas da Rua. A Senhora Condessa de Rilvas historiou com enternecimento de fundadora a origem e o desenvolvimento de tão nobre instituïção. Estava presente, com um filhinho ao colo patenteando a alegria dum lar bem constituído, a rimeira Florinha da Rua!

Festinha singela, cheia de belesa, de graça e duma verdade profunda, apresentada duma forma singela e atraente: as Florinhas da Rua!

São as crianças florinhas, cujas virtudes desabrocham embalsamando a atmosfera do perfume do lírio, da rosa, da violeta. Mas se estas crianças, estas florinhas não são bem tratadas, logo murcham e são calcadas à beira do caminho pelos transeuntes. Emquanto perpassavam diante da minha vista grupos de crianças pobresinhas, transidas de frio, esfomeadas e esfarrapadas, sem coração materno que as aquecesse... expostas à invernia do corpo e da alma; feriram a minha imaginação outro grupo de crianças, outro grupo de flores que povoam os salões doirados da nossa capital: como era distinto e singelo o seu trajar, as suas cabecinhas de anjos, emolduradas em fartos caracois, mas havia um quê de triste e de distante no seu olhar absorvente de crianças: nem o luxo, nem o confôrto, nem os mil cuidados de quem as cercava conseguia alvoraçar-lhes o coração de alegria!...

Lembravam o gesto de outrora do rei de Roma, filho de Napoleão, que aborrecido de todo o luxo e fausto da côrte, exclamava com inveja e olhando um grupo de crianças pobres, num dia chuvoso, brincando com a lama da rua: «Oh! la belle boue!».

Pobres Florinhas dos Salões... os vossos coraçõezinhos, onde dormita o infinito, ficam sempre insatisfeitos diante das riquezas e das honras; é preciso que a vida dos sentidos e prazeres se desenvolva em vós, para fazer calar aquela voz interior que no fundo do vosso coração chama por Deus! Quereis a Deus, seduz-vos a Sua imagem, que se reflecte linda no espelho límpido e cristalino da vossa alma inocente. Quereis subir... e ninguém vos mostra o céu nesta sociedade mesquinha, corrompida e egoista.

Quereis descer até às Florinhas da Rua, como o pequenino Rei de Roma, e estais manietadas pelos preconceitos dos grandes... Estabelece-se a dança rítmica, o bailado das Florinhas da Rua e das Florinhas dos Salões, num abraço de irmãs, cheias de folclóre, *como nos bailados russos.*

Sois flôres lindas dos jardins, cuidadas e especializadas a adornar ricos altares e as mesas dos grandes... As flôres da rua são flôres singelas do campo que virão agradecer o vosso pão e os vossos agasalhos de caridade, lançando sôbre as vossas corolas o orvalho de gratidão das suas làgrimas... ficareis assim mais lindas, mais frescas diante de Deus e dos homens.

A missão do rico é curvar-se sôbre o pobre que sofre e aliviá-lo!

Nobre e sublime exemplo tem dado a Mocidade Portuguesa Feminina nestes ùltimos anos, preparando berços para as crianças de Portugal, que o mesmo é dizer preparando dalgum modo o futuro da nossa terra com a sua caridade e carinho.

Também não podemos deixar de louvar e registar aquelas que depois de terem acarinhado o alvorecer da vida, tiveram o nobre gesto de aquecer os ombros dos que entraram no inverno da vida — os vèlhinhos.

A Mocidade Portuguesa Feminina está de parabéns, a bater o record da nova civilização cristã! Louvor e honra às suas dirigentes!

MARY FORBES

FLORENCE NIGHTINGALE

FLORENCE NIGHTINGALE nasceu em Florença e seus pais deram-lhe o nome da linda cidade italiana. O apelido Nightingale, (Rouxinol) quiz a Providência que fôsse igualmente poético e evocativo. De uma família distinta, afortunada e muito culta, tendo em Inglaterra uma posição de destaque, parecia esta rapariga destinada a ser ornamento da sociedade a que pertencia, pela sua natural elegância, beleza e encanto pessoal. Mas a sua alma enérgica e caritativa não se contentava apenas com esses fáceis sucessos mundanos: queria dar um "fim„ à sua vida. Queria dedicar-se, não só ao bem da família, mas sim ao de todos aqueles que sofrem. Ora êste desejo que nos parece a nós católicos tão natural, não o era tanto na protestante Inglaterra de há cem anos. E' certo que a caridade privada era largamente exercida e a senhora Nightingale ensinara a sua filha desde pequena a visitar e dispensar esmolas e bons ensinamentos à gente do povo das suas propriedades Lea Hurst. Mas esta dádiva completa de si própria, que faz uma Irmã de Caridade, era então desconhecida na Grã-Bretanha. Existia noutro paiz protestante, com o ressurgimento das Diaconesas que o pastor Fleidner empregava no modelar hospital Kaiserwerth, na Alemanha. Mas as enfermeiras que existiam nos hospitais de Londres e do resto do país, eram ignorantes, rudes e quási sempre imorais. A profissão estava completamente desacreditada e para se entrar nela seria preciso arrostar com preconceitos muito arreigados nas honestas famílias inglesas. Foi um encontro providencial que veio ajudar Florence Nightingale a alijar-se dêsses entraves. Conheceu então a velha "quakeress„ Mrs. Frey, que se ocupara tanto dos prisioneiros e que acabara de fundar em Londres, à sua custa, uma pequeníssima escola de "Nurses„. Recomendou-lhe muito que fôsse visitar os hospitais do continente, o que ela fez. Decidiu-se, depois dessa visita, em 1842, a freqüentar a escola de enfermagem do Hospital de Diaconesas de Kaiserwert. Tinha 29 anos de idade.

De volta à sua pátria, renunciou completamente à vida mundana e fundou uma escola de "Nurses„. Aconselhava as raparigas do seu meio a desciplinarem a sua vida e a estudarem sèriamente, como os homens. Conseguiu assim acordar para a vida activa uma parte das senhoras das classes abastadas do Reino Unido.

Foi só no fim de três anos que um homem admirável compreendeu a sua vocação e lhe deu os meios de a realizar. Lord Sydney Herbert, filho do Conde de Pembroke e da Princesa Woronzoff, era uma destas pessoas quasi perfeitas que às vezes aparecem no mundo para nos dar a ideia dum ideal a atingir. Aos vinte e dois anos começou a sua vida política, aos trinta era secretário do almirantado. Em 1852 era Ministro da Guerra.

"Duma filantropia sincera, fundava hospitais, escolas e dava constantemente do seu bolso particular. Fisicamente belo, de maneiras encantadoramente aristocráticas, representava bem um herói da cavalaria moderna„.

Foi êste homem que, ao rebentar a guerra da Crimea, sugeriu que chamassem Florence Ninghtingale para organizar os hospitais militares.

As condições em que se encontravam êsses hospitais eram deploráveis. A limpeza, a decência ignoradas. O cheiro repugnante. A maior parte dos soldados morriam sem que lhes tivesse chegado a vez de serem atendidos.

Florence Nightingale na sua ronda pelas enfermarias. Estátua que se encontra numa praça de Londres.

Os médicos e enfermeiros eram insuficientes, e em socorros espirituais nem se falava. Os feridos deitavam-se no chão pelos corredores e se alguém escolhia um lugar mais recatado, era certo là ser esquecido e perecer por falta de tratamento. As autoridades militares não queriam as enfermeiras profissionais por as considerarem incapazes. — A França tinha mandado para a Crimea, nas suas ambulâncias, Irmãs de Caridade, santas e experientes.

"Não haveria em Inglaterra senhoras que se quisessem dedicar aos feridos? Seria possível que as mulheres inglesas fi-
em indiferentes a tanta miséria?„ A seguir a êste apêlo
receram inúmeras mulheres de boa vontade, inexperientes e
variados meios. Precisavão duma verdadeira "senhora„, mas
abilitada, que as organízasse e dirigisse. A "senhora„ que
nia tôdas as condições era Florence Nightingale. Lord
ney Herbert fê-la nomear "superintendente geral„ dos
spitais de Scutari. A novidade do caso fez grande sen-
ão e se muitos admiraram a sua coragem e caridade, as crí-
s não lhe foram poupadas. Organizou a sua expedição atra-
de muitos obstáculos e partiu de Londres secretamente com
eu "bando de anjos„, como lhes chamavam. Chegaram a
tari no dia seguinte à batalha de Inkermann. Havia imensos
dos, que ao verem-nas quási tôdas choraram.

Mas que tarefa a destas mulheres... os soldados atacados
tyfo e de cólera dormiam em promiscuidade com os sãos.
ugidade indiscritível. Os pobres enfermos eram atacados por
s e insectos... que horrível espectáculo!

Mas Florence tinha o dom de organizar e dispendendo uma
rgia formidàvel, lutando contra os próprios médicos, que
sempre a compreendiam, conseguiu pôr ordem, recato e
peza nos hospitais a seu cargo. As suas cartas para o Mi-
ério da Guerra eram simples e claras. Na Mãi Pátria ficaram
endo o que os seus filhos sofriam. A Rainha Vitória escre-
uma carta cheia de interêsse e afêcto para com os seus
ados, e animou, também, as enfermeiras na continuação
sua caridade.

Miss Nightingale não se poupava. Todo o dia percorria as
rmes enfermarias "quilómetros de sofrimento„ como ela di-
e à noite ainda fazia a "ronda„, segurando uma lanterna
sua mão caridosa. Quantos moribundos reconfortou assim.
o inverno, que frio! Os desgraçados soldados traziam as fe-
s cobertas de terra e sangue gelado que era preciso cortar
ca. E a cólera continuava... vitimando quási todos os mé-
s e muitas das enfermeiras. Frágil, delicada, como poderia
rence ter aguentado tantos trabalhos se não fôsse a "von-
„ forte que a animava? De Scutari foi visitar a frente da
nea e aí organizou as ambulâncias militares, correndo os
ores perigos. A tomada de Sébastopol veiu, até que enfim,
bar a guerra.

Quando a Raínha Vitória e o Govêrno quiseram demonstrar
u reconhecimento à "superintendente geral,„ Herbert conhe-
do os desejos de Florence Ninghtingale propôs que se fun-
se um hospital em Londres que tivesse um sistema de
rses„ gratuitas. Esta ideia foi tão bem recebida, não só do
erno, como do povo todo, que a subscrição chegou rapida-
te a 1 milhão. Nessa altura Florence não quis "abusar"
s da bondade dos seus compatriotas.

Os dois anos pasados na Crimea tinham abalado profunda-
te a sua saúde. Quando rebentou uma revolta na Índia
pôs logo ir para lá estabelecer ambulâncias. Os seus ser-
s não foram aceites. E na verdade as suas fôrças não teriam
gado para tanto. Nunca, desde então, deixou de sofrer, de
uma doente. Mas o seu quarto parecia a ponte de comando
grande navio. Dali dirigia com as suas ideias e conselhos
"fundações„ que tanto ambicionara. Lord Sydney Herbert
ou-se a alma de todo êsse movimento que veiu pôr a In-
erra no primeiro lugar do "nursing„ ou seja do sistema hos-
lar e de enfermagem.

Morreu com 84 anos e passou os últimos dez da sua vida
ama. Mas nunca deixou de ser bonita, distinta de maneiras
alavras. Interessando-se por tudo e animando as novas no
inho do bem.

Foi incontestàvelmente uma das figuras femininas mais
cantes do século XIX.

FRANCISCA DE ASSIS

DISTRIBUIÇÃO DE ROUPAS AOS POBRESINHOS

Começamos hoje a publicar — e continuaremos à medida que nos chegarem as notícias — a relação dos enxovais e outras roupas distribuïdas pela M. P. F. no dia 8 de Dezembro passado.

São simples números que vimos apresentar; mas números que falam mais do que as próprias palavras.

Cada vèlhinho ou criança contemplada, cada peçazinha de roupa oferecida, representam amor de quem deu e alegria de quem recebeu.

Estes números não são, pois, algarismos frios e sem alma. São como flores que de todo o Portugal nos vão chegando e que queremos guardar no nosso Boletim, como carinhosamente se guardam certas flores, que são recordações preciosas.

Algarve

Pobres	112	Crianças	17
Peças	141	230 peças, 4 enxovais completos e 4 berços.	

Alto Alentejo

Velhinhas.	26	Velhinhos	36
	Peças	74	

Beira Baixa

Crianças	212	Peças	689

Trás-os-Montes e Alto Douro

Velhinhas	10	Velhinhos	7
	Peças	23	
Crianças		Peças	95

Subsídios concedidos à Delegacia Provincial do Alto Alentejo

Pela Câmara Municipal de Évora	500$00
Pela Junta da Província do Alto Alentejo . .	500$00

Pelo Governador Civil de Évora, alguns abafos para auxiliar a distribuïção feita pela M. P. F. no dia 8 de Dezembro.

Auxílios de entidades estranhas à M.P.F.

A Empreza Viação Algarve concedeu o desconto de 50% nas viagens duma filiada que vive em Loulé e vem a Faro freqüentar o curso de graduadas.

A coragem de Tereza Telles

Resolveu mudar de rumo e, sùbitamente, numa manobra perigosa, fez a avioneta seguir para o lado opôsto, pondo entre os dois pássaros humanos grande distância.

— Agora, é dar tôda a fôrça... — murmurou o aviador-bandido — só assim.

E subindo, de repente, muito alto, a avioneta desapareceu depressa por trás duma montanha. Desta vez, talvez lhe perdessem a pista. Contudo... como sabia êle que aquele avião era inimigo? Não seria antes um aviso de Allan Tregor?

. . . .

John Martin não descansava nas suas pesquisas; e agora tinha um fio, embora ainda ténue, na embrulhada meada. Ao acaso das suas investigações descobrira: 1.º, que Tereza entrara numa loja que vendia cidra, sòzinha, carregada de embrulhos no seu saco de oleado preto; 2.º, que um grande carro torpedo, côr de café com leite, passara em enorme velocidade daí a momentos pela rua; 3.º, que o saco de Tereza fôra encontrado nessa mesma rua, atirado, evidentemente, para um canto com violência.

Tratava-se, portanto, de descobrir quem raptara o filho do banqueiro e a quem pertencia o carro torpedo: o mesmo, talvez, no qual, segundo a porteira do prédio do bairro St. Charles, partira para a Flórida Allan Tregor. Era evidente, aos olhos de John Martin, que entre a súbita partida dêsse homem misterioso, o rapto do filho do banqueiro e o desaparecimento de Tereza, tudo na mesma manhã, havia um fio-condutor...

E, tôdas as manhãs, John Martin, comunicava com o advogado de Manuel, o célebre Ned Mortimer.

— Precisamos de um avião — declarou Mortimer — e dum aviador seguro, pronto para acrobacias e looping the loop, *se fôr preciso. Estou a desconfiar que isto é obra duma vasta quadrilha, Martin.*

— E que dispõe de milhões, Mortimer — concluiu Martin. — Arranja-se o avião e podemos falar a meu cunhado para o tripular; é tão bom aviador como o célebre Rob, o ás de Ohio!

Mortimer tornou:

— Você sabe que êsse Rob também saiu para um «raid» desconhecido, há dias? Telefonei para casa dêle, ontem, já pensando na hipótese de o precisarmos; mas a mãi, uma velhota irritável e irritante, respondeu só isto: — Está fora.

— Se apanhassemos o Rob era o melhor de tudo; mas visto que o não temos, o meu cunhado está no princípio da carreira, mas é um segundo Lindbergh, Ned!

CAPÍTULO V

Depois de passar dias e noites a atravessar planícies imensas, coalhadas de bois, vacas, cavalos em liberdade, parando apenas para comer e tratar do carro. Allan Tregor, Joey e a pobre Tereza, meio morta de cansaço, tinham chegado à propriedade de Joey; e logo umas dezenas de «cow-boys» os rodearam e atenderam, entre risos alegres e despreocupados. Seria possivel que também aqueles rapazes fôssem «gangsters» sinistros, vivendo da rapina, da infâmia, do roubo à mão armada?! Tereza não podia crê-lo; mas vendo-os sujeitos à autoridade de Tregor e Joey, tinha de render-se à evidência.

Logo que chegaram ao «rancho», Allan Tregor desprendeu-lhe as mãos anquilosadas e inchadas e, diante de todos os outros, disse, rudemente, mostrando Tereza:

— Esta garôta é a futura Mrs. Tregor. Mas como na lei do rancho não se força ninguém, e ela tem só 16 anos, não se fixou o dia do casamento. Até lá, dêem-lhe o fato de «cow-boy» ensinem-lhe o trabalho das mulheres no «rancho» e quando chegar um petiz, é ela que há-de tomar conta dele.

Havia dez a quinze mulheres naquele «rancho»; raparigas fortes e sàdias, irmãs ou mulheres dos «cow-boys», mas tôdas de feitio sêco e arisco. Vestidas como êles, montando acavaladas, sem selim, os fogosos cavalos do Far-West, era um espectáculo interessante vê-las galopar pela planície entre as manadas bravias!

Tereza deixou-se cair sôbre a estreita cama que lhe destinaram, num quarto minúsculo em que só havia o indispensável; e o seu cansaço era tal, que adormeceu profundamente e ali ficou horas seguidas, sem que ninguém se importasse com ela.

Os homens reüniram-se no enorme «hall» da casa, sentados em volta duma mesa gigantesca, com copos de cerveja e refrescos que as raparigas lhes traziam; discutiam acaloradamente.

— Porque fizeste isso, Tregor? — preguntou um, tirando da bôca o cachimbo e gesticulando com êle, agitamente.

— A' fé de «gangster», que me prezo de ser, foi a primeira vez que discordei de ti, Allan — disse Joey, esvaziando um copo de whisky e soda.

— E essa garota que arrebanhaste, para quê, Allan? — interrogou o mais velho de todos, cara bem escanhoada, cabelo já branco.

— Quero-a para olhar pelo garôto — respondeu Tregor, friamente. — E talvez case com ela.

— E a gente dela não a procura? — tornou o do cachimbo — Já bastavam os Rosing e agora temos os outros à perna. E já lêste a campanha do Plain Dealer*?*

Allan Tregor espantou-se:

— Que dizes, Murrey?! O jornal ocupa-se de nós?!

Então Murrey foi buscar um jornal da ante-véspera e Allan Tregor viu que a campanha a favor dos Teles ia seguindo o seu caminho...

— Desconfiarão do Ruby?! — preguntou êle, sismático — Isso é que é aqui o maior perigo, rapazes!

— Não se preocupem com a gente dessa pequena — declarou Tregor — já preparei as coisas... à minha moda! — e enchendo o cachimbo cuidadosamente, Allan Tregor riu sinistramente.

Por MARIA PLA DE AZEVEDO

— Vingo-me, e bem! do desprêzo dêsses portugueses que detesto!

— Que fizeste, bandido? — preguntou Murrey, dando-lhe um sôco nas costas.

— Sabem todos bem como se apanhou o petiz Rosing? Vocês não sabem e eu lhes conto. — Baixando a voz, Allan Tregor continuou:

— Como a tal Teresa não me queria ajudar, comprei, já se vê, a «nurse» do petiz, ou melhor arranjei a substituir a «nurse». E foi só o trabalho de mandar Rosemary, sobrinha de Joey, vestida de igual àquela — e Tregor apontou o corredor, ao fundo do qual ficava o quartinho de Tereza — pegar na mão do garoto e levá-lo até ao meu «Buick» pequeno. Aí, estava Bobby, que partiu a 100 à hora, até ao campo onde o esperava o Ruby no avião.

— Mas nada disso explica...

— Escutem: imitei a letra do tal Manuel. Não há engano possivel! Escrevi ameaças ao Rosing, puz rascunhos na mala do portugnês e tudo isso... com facilidade.

Por fim, aí é que está o golpe de mestre!

— Que fizeste mais, bandido? — tornou Murray.

— Mandei uma denúncia em forma contra o Manvel Teles, à polícia.

— Há! Há! Há! Esta é duma fôrça! — exclamaram os gangsters.

— E nessa denúncia quási lhes explicava como tudo se tinha passado, dizendo-me «uma vítima das infâmias dum português».

— Vamos um bocado para o nosso sport do costume, querem? — lembrou o velho cow-boy; e todos o seguiram para o terreiro.

— Tragam os cavalos, rapazes! — gritou Murray aos mais novos, emquanto as raparigas também se chegavam para ver e tomar parte nas cavalhadas. Então começaram, através da planície imensa, doidas correrias sôbre os cavalos bravos! Havia cow-boys que se seguravam em pé sôbre o dorso irrequieto dos animais! E até as raparigas montavam e desmontavam com os animais em doida correria, agüentando os estranhos pulos que os cavalos selvagens davam sùbitamente para deitar ao chão os seus cavaleiros.

Depois, atiravam-lhes, de longe, com uma habilidade inexcedivel, o laço para os apanhar pelo pescoço.

Tudo isto constituia um espectáculo rude, mas deveras grandioso — em que a presteza do homem vencia àgilmente a brutalidade selvagem do animal.

— A futura Mrs. Tregor devia vir admirar-te, bruto! — exclamou Joey, vendo a alta figura do bandido passar em pé sôbre um cavalo preto de azeviche, cujos olhos tinham laivos sangüíneos.

— E' assim que a hei-de domar um dia! — gritou Tregor já de longe, destacando-se no céu a sua alta figura, chicoteanco o cavalo.

(Continua no próximo número)

ERA UMA VEZ...

OS ANOS DE MARIA RITA

— Que queres tu fazer no dia dos teus anos? — preguntou a mãi de Maria Rita à sua linda filha, que fazia doze anos daí a poucos dias.

— Nem sei, Mãisinha; gosto tanto de tudo! — respondeu Maria Rita, contente.

A mãi, sorrindo, indulgente, tornou:

— Tens que dicidir, para eu preparar as coisas. Se quiséres ter cá em casa a festasinha do costume, com dança e brincadeira, convido as tuas amigas tôdas, arranja-se a música e terás um esplêndido chá, é claro. Se preferes o cinema...

— Tudo isso é tão divertido! Mas parece-me que do que mais gosto, Mãi, é da festa cá em casa!

— Também me parece o melhor. E, como faltam só três dias, vou já começar com os convites. Olha que não são menos de quarenta ou cinquenta! — e a mãi saiu da sala. Maria Rita estava radiante; e antegozava, já, a bela tarde que ia passar, dançando e rindo com as primas Macedos (um rancho de sete pequenas), os Castros, (quatro rapazes ainda seus parentes) as pequenas Lindsay, inglesinhas encantadoras, o alegre rancho Cabral, e todo o grupo de amigos que frequentes vezes se juntavam em casa duns e doutros. Depois, haveria chá na enorme casa de jantar, com croquettes, pastelinhos, perú frio, até! bolos d'ovos, rebuçados, e o pão-de-ló gigante que todos os anos lhe mandava o padrinho, sôbre o qual brilhariam dôze velinhas de variadas côres! E os presentes? Que alegria só de pensar naquela data festiva, que se aproximava tão depressa!

Na manhã seguinte, quando a criada entrou no quarto de Maria Rita para a chamar para o banho, notou Maria Rita a sua cara chorosa.

— Que foi, Conceição? Ralharam contigo? — preguntou.

— Não, menina; antes fôsse isso, que era só eu a sofrer...

— Conta lá, Conceição, porque choraste?

A boa mulher não poude suster novas lágrimas.

— Ai menina, se a menina soubesse o que vai pela minha terra... O tufão arrancou os telhados das nossas casinhas e as árvores das terras e as novidades das hortas... Que miséria! menina, em que tudo fica!

— Coitados, coitados... — murmurou Maria Rita.

— Há por lá criancinhas de quem os pais foram levados na enxurrada...

— O quê?! — exclamou Maria Rita.

— Sim, menina! Ficaram alguns, pobresinhos! sem umas migalhinhas de pão para comer, sem uma telhazinha onde se abriguem, sem uma roupinha para se cobrirem! — e Conceição, chorando, assoou-se com estrondo.

— Maria Rita! — chamou a mãi, do quarto de banho.

Tôda a manhã Maria Rita esteve triste e pensativa.

— Que jóia é esta menina — observou a criada, de si para si. — Ficou tôda tristinha a pensar na miséria das outras criancinhas!

E não se enganava a Conceição.

Maria Rita pensava agora, com uma espécie de angústia, no próximo dia dos seus anos, em que teria tanta alegria, tanta fartura, tanta felicidade, enquanto tantos milhares de crianças passariam fome e tristeza... Mas que fazer??

— Já sei! Já sei! — gritou, de repente, como se uma ideia luminosa lhe atravessasse o espírito.

E foi a correr ao quarto da mãi.

— Oh Mãisinha, eu vinha pedir-lhe uma prenda de anos! — e Maria Rita poz os braços, meigamente, em volta do pescoço da mãi.

— Marota! O que será?? — preguntou a mãi.

— Olhe, Mãisinha, quanto irá a Mãi gastar com a festa dêsse dia?

— Curiosa! Não serão menos de duzentos a trezentos escudos, com certeza! Mas de bom grado os gastamos, meu amor, para que tenhas um dia alegre e feliz! — e a mãi beijou ternamente a filha adorada.

— Então, Mãisinha, em lugar de gastar êsse dinheiro... entregue-mo na minha mão, sim?

A mãi desprendeu-se do terno abraço e, olhando a filha com espanto, disse:

— Para que queres tu tanto dinheiro, filhinha?!

Então Maria Rita desabafou, em voz comovida, tôda a pena que lhe faziam as criancinhas vitimas do cyclone medonho.

— E assim, Mãisinha, com o dinheiro da minha festa, que alegria vou dar a tôdas essas pequenitas! Fato, pão... Podia mandar-se para a terra da Conceição e talvez o Sr. Prior dessa terra possa distribuir êsse dinheiro!

A mãi, com os olhos cheios de lágrimas, nada respondeu a princípio. Mas apertou Maria Rita contra o peito e por fim disse:

— Visto que és assim bôasinha e sentes que é preciso já acudir às crianças pobres, vamos dar-te mais prendas no dia dos teus anos: podes mandar um conto em lugar de trezentos escudos!

E no dia dos anos de Maria Rita, junto ao pão-de-ló do padrinho, com as dôze velas acesas, a sua felicidade foi enorme ao receber dos pais um sobrescrito com uma nota de mil escudos!

Maria Rita, dando a mão às primas, encetou uma roda tão alegre que nunca poderia ter sido mais festiva a dança projectada para aquele dia!

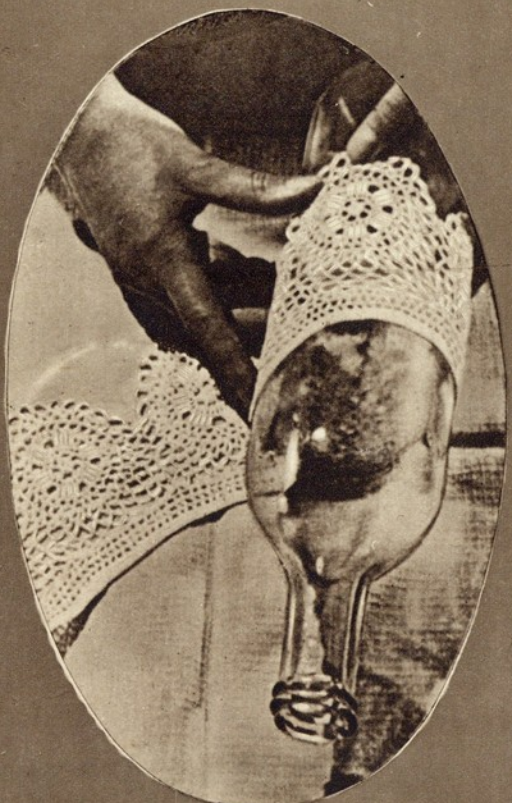
A Lusita nunca deve:

- *ser indelicada com ninguém*
- *deixar uma carta sem resposta*
- *falar alto nos elétricos, que é uma falta de educação*

Efeitos do ciclone

OLAR

COMO SE LAVAM RENDAS, ETC.

Fervem-se as rendas numa vasilha...

...e enrolam-se numa garrafa para secarem.

Rendas brancas e bordados

Metem-se numa vasilha onde se dissolveu sabão e deixam-se ferver ao lume um bocado.

Não devem tocar no fundo da vasilha porque se podem queimar. A água deve cobri-las por completo.

Depois de fervidas, deixam-se arrefecer e passam-se por água pura até lhes sair bem o sabão.

Há quem enrole as rendas num rôlo ou numa garrafa para ficarem mais direitas.

Estendem-se sôbre um pano branco e passam-se com outro pano por cima. O ferro não deve estar muito quente.

Malhas e flanelas de lã

Devem ser lavadas em água morna, porque a água fria encolhe a lã e a água muito quente empasta-a.

O melhor sabão para as flanelas de lã e malhas é o sabão branco. O sabão vulgar, principalmente se tem potassa, pode estragar as lãs.

O sabão, em vez de se pôr directamente sôbre a lã, convém mais dissolvê-lo na água, a que se pode juntar uma colher de amoniaco.

Não se deve esfregar a lã; lava-se ao de leve e ràpidamente. Como na primeira água se dissolveu o sabão, passa-se depois por várias águas limpas, para o sabão sair por completo.

A lã não se torce, como vulgarmente se faz à roupa. Estende-se sôbre uma toalha turca, a direito, sem formar rugas, enrola-se, e torce-se então. Para acabar de enxugar, estende-se à sombra, mas sem pendurar, porque o pêso da água faria esticar a lã, deformando a peça. Quanto mais depressa secar, melhor, mas não se deve deixar secar completamente.

As malhas e flanelas de lã passam-se ainda húmidas e pelo avêsso.

Tule preto

Estende-se sôbre o pano de passar a ferro, esticando o tule bem com alfinetes; o avêsso é que fica para o lado de cima.

Depois, com uma esponja embebida em cosimento de heras ou chá preto, esfrega-se o tule com cuidado.

Passa-se com um pano fino por cima e o ferro deve estar pouco quente.

Fazendas pretas ou muito escuras

Para não perderam a côr, é bom lavá-las em cosimento de heras.

Deitam-se 2 punhados de heras numa panela e deixam-se ferver 2 horas. Ou então deita-se água a ferver sôbre as fôlhas de hera e deixa-se ficar de infusão até ao dia seguinte.

Depois da fazenda lavada, deixa-se escorrer sem torcer, para não marcar vincos. Quando se põe a secar, deve-se evitar também que faça pregas, pelo mesmo motivo. Todos os vincos feitos na lã molhada, depois de sêca a fazenda, custam muito a tirar.

Tôdas as fazendas de lã, sejam escuras ou claras, convém lavá-las juntando um pouco de amoniaco na água (1 colher por litro) porque o amoniaco ajuda a desengordurar as fazendas.

Cortinas de tule

Não se devem esfregar nem torcer. Passam-se por várias águas, apertando o tecido ao de leve para extrair a sugidade.

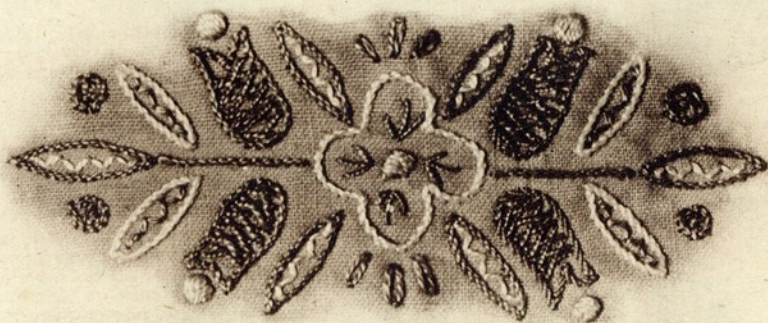
Meias

Lavam-se em água morna e com sabão. Devem ser lavadas do direito e do avêsso, passadas muito bem por água e postas a enxugar do avêsso e à sombra.

Estendem-se com as bainhas para baixo e os pés para cima para a água não empoçar nos pés.

AVENTAL BORDADO

DAMOS HOJE O MODÊLO DUM BONITO AVENTAL QUE COMPLETARÁ GRACIOSAMENTE O VESTUÀRIO DUMA RAPARIGA E LHE SERÀ MUITO ÚTIL PARA RESGUARDAR O VESTIDO QUANDO SE QUIZER OCUPAR EM TRABALHOS DE COSTURA, CULINÁRIA, JARDINAGEM, ETC.

PODERÀ SER FEITO EM LINOL, NUM TOM CLARO (O MODÊLO QUE APRESENTAMOS È EM AZUL) E O BORDADO É FEITO EM ALGODÃO PERLÉ E EM PONTOS MUITO SIMPLES. AS CORES EMPREGADAS NO BORDADO PODERÂO SER: VERDE PARA OS PÉS E FOLHAS, E AZUL, AMARELO, ENCARNADO E BRANCO PARA AS FLORES.

COLABORAÇÃO DAS FILIADAS

Excursão à Exposição do Mundo Português da Ala 1 da Província do Douro litoral

«Lá vamos cantando e rindo»

Um comboio, cheio de mocidade, de vida e alegria, parte. Ao longe, como um murmúrio, o som ecôa ainda.

Vamos para Lisboa. Que entusiasmo, que delírio!

A M. P. F. promovera uma excursão para pôr em prática um dos seus objectivos: a cultura do espírito e o estímulo do amor pátrio nas suas filiadas.

Que mais bela lição poderíamos ter que a visita à Exposição do Mundo Português? Lá a nossa História estava bem patente!

Chegamos a Lisboa.

Tanta coisa para vêr e tão pouco tempo! Porém, graças a um plano bem elaborado, foram possíveis todas as visitas, que tanto nos deleitaram e instruiram.

Um verdadeiro espectáculo de maravilha se desenrolou ininterruptamente aos nossos olhos.

O nosso espírito remontava sem cessar séculos atrás, para contemplar a glória, o esplendor, a magnificência e a fé de Portugal através dos tempos.

Sim, porque foi o desejo de espalhar a sua santa religião que orientou os portugueses nas suas mais gloriosas façanhas, que os levou finalmente «a dar novos mundos ao Mundo».

Num recanto da Exposição, impressionante na sua simplicidade emotiva, estava uma cruz encimada pelos dizeres: «Portugal foi sempre cristão».

* * *

Começámos a nossa visita, como seria lógico, pelo pavilhão da Fundação.

D. Afonso Henriques — 1140

Êste torrão situado no extremo Ocidente da Europa, o último a ser afagado pelos derradeiros raios de sol antes do Ocaso, tinha aspirações demasiado grandes, ambições desmedidas, para poder suportar que uma vontade estranha dominasse sôbre êle.

A idéa da independência! Oh! Como ela norteou sempre a política do Conde D. Henrique e de D. Teresa! Como ela era afagada por todos os habitantes do condado Portucalense.

E eis que num belo dia D. Afonso Henriques, êsse moço destemido e leal, nobre, forte e ousado, assina com seu primo o tratado de Zamora, no qual se reconheceu a independência de Portugal.

D. Afonso Henriques assume a responsabilidade enorme de primeiro rei duma nacionalidade. A êle coube a obra formidável da fundação!

Estava escrita a primeira página, uma página de ouro da nossa História.

* * *

A árvore plantada tão carinhosamente criou raízes profundas. Portugal alargou os seus domínios.

A certo ponto, porém, a terra faltou e restava ùnicamente o mar, êsse mar imenso, terror de todos, por todos considerado monstro ameaçador.

Mas Portugal queria ser maior!...

Surgiu então um homem — o infante D. Henrique — inteligência esclarecida, espírito brilhantíssimo, ânimo viril, dêsses que não admitem réplicas às suas determinações. Dando realidade ao sonho há muito acalentado, empreendeu a obra dos Descobrimentos marítimos.

PORTUGAL FOI SEMPRE CRISTÃO

Num recanto da Exposição, impressionante na sua simplicidade emotiva, estava uma cruz encimada pelos dizeres: «Portugal foi sempre cristão»

E Portugal, êsse país, agora o primeiro a ser doirado pelo sol, quando êste se ergue lá no Oriente e o último a sentir o afago dêsses mesmos raios, tornou-se grande, célebre aos olhos dos homens, conquistando a admiração e gratidão da Humanidade.

E' esta outra página aurea da nossa História!

* * *

Os factos sucedem-se; caminhâmos de esplendor em esplendor, até que um desastre, presságio certo duma desgraça maior, nos assalta — o desastre de Alcácer-Quibir, que teve como conseqüência inevitável a perda da nossa independência.

E Portugal, qual leão exausto, esgotadas todas as fôrças, incapaz de reagir, esteve 60 anos sob o domínio estrangeiro.

60 anos de humilhações, de vexames, de sacrifícios inúteis.

O' Portugal! Tu, o heróico e altivo Portugal, escravizado por vontades alheias!...

Foram 60 anos que mais pareceram séculos. Mas a reacção deu-se...

1640

Manhã frigidíssima de Dezembro. Um punhado de portugueses — peito abrasado na mais ardente chama de amor patriótico, assalta o paço, prende a duquesa de Mantua, assassina Miguel de Vasconcelos.

D. Miguel de Almeida, duma varanda do paço, dá o grito de «Liberdade, Liberdade».

Viva El-rei D. João IV — Viva Portugal

E desde então Portugal é livre.

A águia, que nascera para altos vôos, orienta-os a seu bel-prazer.

Portugal continua a ter a sua vida própria, como nação independente...

* * *

O caminho é de alternativas por vezes bem inglórias.

Até que em 1926 surge Salazar. O país entrega nas mãos dêste homem os seus destinos. Orientado por êle, Portugal trilha de novo um seguro caminho, há muito desconhecido já.

Graças a êle Portugal recupera o nome grandioso de que outrora usufruira.

Estamos no Pavilhão dos Portugueses no Mundo «secção Portugal 1940». Diante dos nossos olhos passam as grandes realizações do Estado Novo — exército e marinha, comunicações, assistência, estradas, ensino, crédito agrícola, movimento de portos, riquezas...

E se os outros factos, nós os evocâmos através da bruma do passado, aqui temos um presente bem palpável, que não podemos deixar de admirar, porque é grandioso na sua realização.

A Salazar, à sua política admirável, Portugal deve a sua ressurreição.

* * *

A nossa excursão terminara e com ela a nossa participação nas Comemorações Centenárias.

Voltamos ao nosso trabalho, às nossas ocupações...

Uma coisa, porém, perdurará através da nossa vida — a lição imortal dos Antepassados.

Unidas numa vibrante manifestação de amor patriótico clamamos o nome bendito:

«PORTUGAL, PORTUGAL»

E a voz suspensa da imortalidade, clamará por todo o sempre

«PORTUGAL, PORTUGAL»

Maria Emília Vaz Diniz

Filiada n.º 3089 — Centro 1 — Ala 1 — *Douro Litoral*